



Os Tristes, Brutos Índios de Vieira, ou um Missionário Aturdido¹

Benedito Nunes

Não há maior comédia que a minha vida; e quando quero vou chorar ou rir, admirar-me ou dar graças a Deus ou zombar do mundo, não tenho mais que olhar para mim.

Padre Antônio Vieira,
“A um Padre”, 1658

No “Sermão da Epifania”, pregado a 6 de janeiro de 1662, em Lisboa, depois de ter sido expulso do Pará, o padre Antônio Vieira expôs a distinta sorte das duas grandes levas de missionários - a que se dirigiu do Oriente para o Ocidente, como a seguir a mesma ofuscante estrela dos Magos, e a dos jesuítas, sob o fulgor da imperial estrela das conquistas portuguesas, no encalço, Brasil adentro, das gentes desconhecidas do Novo Mundo para evangelizá-las:

Aqui está a diferença daquela estrela às nossas. A estrela dos Magos acomodava-se aos gentios que guiava; mas esses gentios eram os Magos do Oriente, os homens mais sábios da Caldéia e os mais doutos do mundo; porém as nossas estrelas, depois de deixarem as cadeiras das mais ilustres Universidades da Europa [...], acomodam-se à gente mais sem entendimento e sem recurso de quantos criou ou abortou a natureza, de homens que se duvidou se eram homens, e foi necessário que os Pontífices definissem que eram racionais e não brutos. A estrela dos Magos parava, sim, mas nunca tornou atrás; as nossas estrelas tornam uma e mil vezes a desandar o já andado e a ensinar o já ensinado e a repetir o já aprendido, por que o bárbaro, *boçal e rude*, o tapuia *cerrado e bruto*, como não faz entendimento, não imprime nem retém na memória [...]. A estrela dos Magos fez a sua missão entre púrpuras e brocados, entre pérolas e diamantes, entre âmbar e calambucos, enfim, entre os tesouros e delícias do Oriente; as nossas estrelas fazem as suas missões entre as

¹ Publicado originalmente em “Prezado Senhor, Prezada Senhora: estudo sobre cartas”. Org. Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battella Gotlib. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.

pobrezas e desamparos, entre os ascos e as misérias da *gente mais inculta*, da *gente mais pobre*, da *gente mais vil*, da *gente menos gente* de quantas nascerem no mundo.

Vê-se que é de maneira pouco cristã, conforme lhe censurou João Francisco Lisboa, que o padre Vieira se refere aí às suas ovelhas prediletas, talvez num momento de irritação diante das dificuldades que se opunham ao seu apostolado - mormente as que decorriam do forçoso aprendizado, sem livros, de tantas línguas, sem, cujo conhecimento estar-lhe-ia vedado o acesso à alma indígena. Por maiores que fossem o aborrecimento e a fadiga do missionário, bem poderia ter ele poupado “aos seus amados índios a qualificação de *brutos e vis* tão contrária aos preceitos da caridade evangélica em geral [...]”. (Vida do Padre Antônio Vieira, p. 338).

Mas nem sempre bruto e vil são termos repulsivos, anticristãos. Bruto significaria tosco, rude, antes de brutal e violento; vil significaria reles e insignificante, antes de infame. A bruteza do índio remeteria à matéria natural, não trabalhada, desde a sociedade até à língua. Entre os gentios “nunca se viu cetro nem coroa nem se ouviu o nome de rei”. Não tendo rei, não têm lei e ainda lhes falta a fé. Vieira resume essas deficiências num artifício de retórica: “A língua geral de toda aquela gente carece de três letras, F, L, R; de F porque não têm Fé, de L porque não têm Lei, de R porque não têm Rei, e esta é a polícia da gente com que tratamos”. Jamais Vieira poderia qualificar de natural uma sociedade desse tipo, a menos que se antecipasse de um século aos iluministas do Setecentos. Bruta é a polícia de tal gente, como bruto é o cabedal que a natureza lhe proporcionou, com tão pouco de arte, “que uma árvore lhe dá o vestido e o sustento e as armas e a casa e a embarcação [...]. Com as folhas se cobrem, com o fruto se sustentam, com os ramos se armam, com o tronco se abrigam e sobre a casca navegam. Essas são todas as alfaias dessa pobríssima gente; e quem busca as almas destes corpos, busca só almas”, continuava dizendo no mesmo “Sermão da epifania”.

A bruteza dos meios corresponderia ao entendimento boçal e a rudeza decorrente da falta de discurso. Não é por acaso que o padre Antônio Vieira tenha ligado as duas coisas: o entendimento falho e a carência de discurso. Entender é compreender segundo a ordem de razões, e o discurso é a exposição racional ordenada das idéias. Estamos em meados do século XVII, quando já aparecera o *Discurso do método*, de Descartes, que os jesuítas souberam apreciar. Por certo, não se pode subtrair a razão aos silvícolas, depois que os pontífices os reconheceram como racionais; mas a razão neles está embotada, adormecida; daí o entendimento funcionar mal, como funciona mal a memória, que nada imprime ou retém em gente tão inculta. Tivessem discurso e teriam entendimento. E se de ambos compartilhassem, se elevariam ao estado de cultura, identificado por Antônio Vieira, de cujos juízos não podemos cobrar o atual senso antropológico e social, com o usufruto da racionalidade européia triunfante.

Pela qualidade das gentes - “a mais bruta, a mais ingrata e a mais inconstante” - e pela dificuldade das línguas, é muito difícil ensinar nestas terras, já dissera o missionário no “Primeiro sermão do Espírito Santo”, em São Luís do Maranhão. Mas apesar da bruteza, a que agora se somam a ingratidão e a inconstância dos catecúmenos, como óbices à evangelização, a catequese alcançaria os seus fins ali onde pudesse chegar e desenvolver-se sem estorvos.

Na última aldeia, que estava na boca do Tocantins, até onde fora Vieira numa de suas mais arriscadas expedições na Amazônia, bastou a ação doutrinal dos irmãos para que os índios aprendessem os princípios da verdadeira Fé. Já os silvícolas dali “sabem todas as orações do catecismo e respondem a todas as perguntas dele, e com todas as aldeias ficam mestres, que em ausência dos padres ensinam aos demais todos os dias, com grande pontualidade e perfeição” (“Carta ao Padre Provincial do Brasil”, 1654, p. 354). Para supri-los de recursos espirituais, elaboraram os padres catecismos, uns breves, outros brevíssimos, distribuídos entre os moradores, a fim de que pudessem dar assistência religiosa aos seus índios, em casos de extrema urgência, como a administração do batismo *in articulo mortis*, e ainda outros mais especiais, visando a uma instrução doutrinária mais particular e vagarosa. Estas e outras passagens atestariam o incessante progresso das missões, caminhando de triunfo em triunfo, na conversão das almas, à conta da docilidade, da fácil aceitação, por parte do gentio, das verdades cristãs que lhes inculcavam, e isso de tal modo que os missionários passaram a considerar-se bafejados pela Providência divina. No Itaqui, os guajajaras buscam o padre Francisco Veloso, gastando todo o dia no catecismo, “o qual tomavam com tanto gosto, que nunca foi necessário que o padre os chamasse, antes eles chamavam e buscavam os padres muitas vezes, ainda dentro das horas que estavam reservadas para descansar do trabalho. Coisas contam os padres nesse gênero que não há senão admirar os poderes da graça divina, e dar-lhes infinitas por nos ter escolhido e trazido a ser instrumento dela”. (“Carta ao Padre Provincial do Brasil”, 1654, p. 354).

Em outro local do Maranhão, os três ou quatro dias que os padres ali se detiveram, “quase todos se gastavam em ouvir confissões [...]” (“Carta ao padre provincial do Brasil”, 1654, p. 375). Se estão sozinhos, como só por efeito da nova doutrina aprendida, os “catecúmenos rezam em comunidade, à noite”, e demonstram prazer em fazê-lo, em vez de se entregarem aos prazeres do vinho e a seus habituais folguedos. Deu-se o memorável caso de toda uma aldeia que, contrariando o habitual silêncio noturno, assinalou-se, a léguas de distância, quando os missionários dela se aproximavam, por um vozerio vindo de todas as malocas. Suspeitaram os bons pastores fosse isso produto do espírito do vinho em ação; mas ao ingressarem nas casas, viram, edificadas, “que o que se dizia em todas eram as orações e declarações do catecismo, as quais uns rezavam, outros ensinavam, outros aprendiam, todos deitados em suas redes”. Enfim, conclui Vieira, “a aldeia estava feito uma escola ou universidade de doutrina cristã, em que se ensinava às escuras a luz da fé”. (“Carta ao Padre Provincial do Brasil”, 1654, p. 354).

De vitória em vitória, o esforço catequético atingiria momentos de consagração coletiva, à maneira de uma apoteose de conagraçamento, que juntasse o gentio e seus providenciais salvadores, como no episódio da aproximação pacífica promovida por iniciativa e risco do próprio Vieira, aos arredios e aguerridos nhengaibas, da ilha na “grande boca do rio Amazonas”, “de maior comprimento e largueza que todo o reino de Portugal” (“Carta ao Rei D. Afonso VI”, 1659, p. 534). Bastou que o Paiassu, o Grande Pai, enviasse a esses nativos do Marajó uma carta-patente por mãos de uma embaixada indígena, a pedir-lhes que viessem ao seu encontro ou que consentissem fosse às terras deles. Logo lhe respondem com a presença de sete principais, que manifestaram as intenções pacíficas das nações a que se filiavam, admitindo os visitasse o padre Vieira,



mas só depois de terem nas suas terras edificado casa e capela. No tempo aprazado, convergiram para o local dezenas de canoas da gentilidade. Logo lhe prestaram juramento de obediência e fidelidade num cerimonial solene, os portugueses de um lado, os selvagens de outro da igreja - aqueles em suas melhores roupas, esses com todos os seus enfeites -, onde o Grande Pai rezou missa "num altar ricamente ornado, depois do que os gentios receberam a fé do verdadeiro Deus e declaram-se vassalos, dali por diante, do rei de Portugal. Mas não pararam aí as solenidades. Armou-se no mesmo lugar o estandarte da fé, arvorada "uma formosíssima cruz, na qual não quiseram os padres que tocasse índio de menor qualidade; e assim foram cinqüenta e três principais os que tomaram aos ombros e a levantaram, com grande festa e alegria assim dos cristãos como dos gentios, e de todas foi adorada". ("Carta ao Rei D. Afonso VI", 1659, p. 545).

Como não ver nisso um *triumfo barroco*, montado pelo poeta dos *Sermões*, em plena selva amazônica? Duplo triunfo da fé e do rei; ganhava aquela 40 mil, talvez 100 mil almas; ganhava esse último um rol de nações de diferentes línguas, entre maimanás, aruás, anajás, mapuás, paicacás, guajarás e pixispixis. A todo momento Vieira exercitava-se na contabilidade da almas. Das nações com que topou no Tocantins, esperava "trazer em muito pouco tempo", à fé de Cristo mais de cinco ou seis mil almas, e com elas muitas outras no mesmo rio" ("Carta ao Rei D. João IV", 1654, P. 412). Os tupinambás desceram em sessenta canoas "carregadas dessa gente, em que vinham mais de mil almas, nas quais no caminho foram algumas para o céu; dos demais estão já batizados os inocentes e os adultos se vão catequizando" ("Carta ao Rei D. João IV", 1655, p. 432). Essa alta conta de almas era compensada pela eficácia da administração dos sacramentos. De imediato efeito salvacionista, confissão e comunhão fechavam as portas do inferno, liberando, nos mesmos sujeitos, almas para o céu e súditos para o reino.

Nenhuma dissociação se fazia entre os benefícios da salvação e a vassalagem ao rei de Portugal. Evangelizar era civilizar e civilizar era a via de ingresso à cultura, à racionalidade e aos serviço do Estado português. Portugal, que se estatuiu para a conquista espiritual, um advento ao mesmo tempo religioso e político, cumpriria uma função providencial se secundasse a ação dos evangelizadores, corrigindo, pela força de leis protetoras, os abusos dos colonos contra os gentios, que justificavam, numa inversão do anterior triunfalismo da catequese, revelando-lhe o fundo antagonístico, aleatório, indecيدido, incerto, imprevisível, outro dos epítetos que a estes últimos Vieira outorgou: *os tristes índios*.

A riqueza dos capitães-mores e governadores - de suas lavouras e plantações de tabaco - "sai do sangue e do suor dos *tristes índios*" ("Carta ao Rei D. João IV", 1654, p. 401); tratados como escravos, "os tristes índios estão hoje acabados e consumidos" ("Carta ao Rei D. João IV", 1653, p. 304). O fabrico das canoas, a sua calafetagem, a sua condução, o soerguimento das casas dos portugueses, o transporte às costas de bagagens e armas - tudo isso "fazem os *tristes índios*, sem paga alguma mais que chamarem-lhe cães e outros nomes mais afrontosos [...]" ("Carta ao padre provincial do Brasil", p. 361). Mais de 2 milhões deles "se mataram e se destruíram por esta costa e sertões", no espaço de quarenta anos ("Carta ao Rei D. Afonso VI", p. 449).

A gente mais rude, mais bruta, mais inculta é também a gente mais pobre, mais despreparada, exposta à sorte dos resgates, um outro nome para a *encomienda* dos espanhóis. Sua vileza, que a torna reles, insignificante, vai no sentido da extrema penúria

ECCO
D A S
VOZES SAUDOSAS

Formado em huma

CARTA APOLOGETICA,

Escrita na lingua Castelhana

Pelo insigne Padre

ANTONIO VIEIRA

Da Companhia de Jesus,

*AO PADRE JACOME IQUAZAFIGO,
Provincial da Provincia de Andaluzia, da mesma
Companhia;*

Que dá ao prélo

**O P. JOSEPH FRANCISCO
DE AGUIAR,
Clerigo do Habito de S. Pedro.**



D. prob.

LISBOA,

Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

M. DCC. LVII.

Com as licenças necessarias.

de que padecem os prisioneiros de guerra de outros índios, resgatados, pelo colono português, das cordas de seus inimigos para a brutal vileza do trabalho cativo sem remuneração. Os *vis e brutos* - brutalizados e vilipendiados - também são os *tristes* sujeitos de injusto cativo, que o colono alega não poder prescindir e contra o qual Vieira se insurge, como o grande obstáculo à conquista espiritual das almas, impedindo a aproximação pacífica com as tribos e o ajuntamento delas, retiradas dos ínvios caminhos da mata, em lugares acessíveis onde pudessem ser catequizadas.

Dir-se-ia que os jesuítas, à época da Contra-Reforma, não tivessem tomado conhecimento do trabalho intelectual dos humanistas da Espanha, logo após a descoberta da América, quando se duvidou se os nativos do Novo Continente eram verdadeiramente humanos: de um Las Casas, principalmente, em sua apologia da ínsita liberdade dos índios e de seus direitos naturais.

Nem Anchieta nem Vieira perfilharam essa apologia. É verdade, porém, que o primeiro acusou a tirania dos portugueses, que obrigavam os nativos “a servir toda a sua vida como escravos, apartando maridos e mulheres, pais e filhos, ferrando-os, vendendo-os [...]” (*Informação do Brasil e de suas capitâneas*, p. 52), e o segundo advogou o exame dos cativos, a fim de que, em definitivo, se distinguissem os justos dos injustos, e assim uns se tivessem por homens livres e outros por escravos. Mas nas condições em que se efetuavam os exames, por uma mesa de consciência composta de notáveis, as evidências de uma inicial liberdade ou de um estado de servidão no próprio meio de que procediam os prisioneiros eram truncadas na origem, posto que dependiam das *entradas*, das expedições ao interior da floresta - de onde, ou simples arcabuzeiros sem jesuítas, ou jesuítas acompanhados de arcabuzeiros, uns e outros ganhando igual remuneração, compeliavam os índios a descer para as vilas ou cidades. De qualquer forma, mesmo que ambos, um no século XVI e outro no século XVII, interligados fossem por uma mesma corrente de indignação contra as tiranias dos poderes locais, nem Anchieta nem Vieira reconheceriam os nossos selvagens como membros de uma sociedade outra, diferente, com os seus princípios e valores próprios. E faltando esse reconhecimento, a despeito da cristã dedicação que votavam às suas ovelhas, há de parecer que os dois, no fundo, adotavam o tácito pressuposto de que a liberdade a eles alheia, extrínseca, era algo que lhes pudesse ser atribuído ou negado. Se assim não fosse, como poderia Vieira distinguir entre cativos justos e injustos? Essa distinção implicava antepor o cativo à liberdade, o cativo não sendo uma perda da liberdade, e esta conquistada a partir daquele. Mas eis aí quando o atribulado Vieira se torna verdadeiramente aturdido, como se os mestres jesuítas da têmpera de um Molina e um Suarez falassem inadvertidamente pelas suas palavras.

Reivindicada a servidão justa, a conseqüência, se não moral, mas lógica, pela mesma ordem dos conceitos, era elevar o índio, ainda que por absurdo não se tivesse a intenção de fazê-lo, ao posto de *sujeito de direitos*, que pode ser intrinsecamente livre ou capaz de libertar-se da opressão, assim convertido em *gente mais gente*. Ao mesmo tempo, ainda no campo das implicações daquela reivindicação, colocava-se o nativo desamparado, pobre, bruto, vil e triste, sob a tutela de uma lei natural, precedendo as leis do direito positivo, indicativa de uma sociedade e de uma religião naturais. A alma não seria *naturaliter* (*naturalmente*) cristã. Este o Rubicão que Vieira jamais cruzaria.

Se o cruzasse, teria de aceitar o para ele inaceitável, como, por exemplo, que a evangelização poderia ter sido o exercício de uma mais sutil tirania, pondo à prova o entendimento e a memória dos índios. Entendimento e memória que não eram deficientes, como pensava Vieira: “[...] as nossas estrelas tornam uma e mil vezes a desandar o já andado e a ensinar o já ensinado e a repetir o já aprendido”. Mas pelas suas línguas rudes se defendiam os *tristes, brutos índios*, esquecendo nelas o que não queriam lembrar, e retendo e imprimindo na memória o sigilo de seus amigos e expulsos deuses, tão imateriais que nem ídolos tinham.



Referências

- ANCHIETA, José de. *Informação do Brasil e de suas capitâneas*. São Paulo: Editora Obelisco, 1964.
- BERNARD, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *De l'idolâtrie. Une archéologie des sciences religieuses*, Seuil, 1988.
- BRUIT, Héctor Hernan. *Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos*. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- CARTAS do Brasil do padre Manuel da Nóbrega*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886.
- DOMINGUES, João Lúcio de Azevedo. *Os jesuítas no Grão-Pará (suas missões e a colonização)*. Coimbra: [s.n.], 1930.
- HOORNAERT, Eduardo (Coord.). *História da igreja na Amazônia*. São Paulo: Vozes, 1992.
- LAS CASAS, Bartolomé de. Apologética historia sumaria, Historia de las Indias, T. I, Serrano y Sanz; Eduardo Viveiros de Castro, “O mármore e a murta - sobre a inconstância da alma selvagem”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 35, p. 21-74, 1992.
- LEITE, Serafim. *Novas páginas de história do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- LISBOA, João Francisco. *Vida do padre Antônio Vieira*. [s.l.]: Ed. Jackson, 1964.
- MÁRIO. *O drama e a glória do padre Antônio Vieira*. Lisboa: Romano Torres, 1961.
- PÉCORA, Alcir. *Teatro do sacramento*. [s.l.]: Edusp, 1994.
- RENÉ, Miller Füllöp. *Os jesuítas - seus segredos e seu poder*. Livraria do Globo, 1946.
- VIEIRA, Antônio. *Sermões*. [s.l.]: Ed. Lelo, 1907. 15 v.
- _____. *Cartas*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1970. 3 v. (as cartas citadas são todas do primeiro volume).